

COLEÇÃO  MISTÉRIO JUVENIL

AGGIE MORTON

A RAINHA DO MISTÉRIO

UM CORPO DEBAIXO DO PIANO

Série
vencedora do
Melhor Mistério
Juvenil, Prêmio
Edgar Allan
Poe



MARTHE JOCELYN
ISABELLE FOLLATH

Para a Tara













CAPÍTULO 1

UM AMIGO INVULGAR

Primero, vou falar-vos sobre fazer um novo amigo e vou deixar o cadáver para mais tarde. Isto segue as regras tradicionais das histórias: distrair o leitor com cenários agradáveis e diálogos vivos, apresentar algumas personagens cativantes e, então — *aha!* —, descobrir um cadáver!

O amigo que encontrei não era uma jovem simpática apresentada pela Mamã ou pela Vó Jane. Era um rapaz! Um rapaz *estrangeiro*. Para ser sincera, ele era um pouco peculiar. Mas decidi manter a mente aberta, já que potenciais amigos não aparecem com frequência. Exceto os imaginários. Eu tinha uma sala de aula cheia de amigas imaginárias com as suas aventuras fictícias, que me ocupavam nas minhas horas solitárias. Eu dava-lhes nomes, vestia-as,

preocupava-me com as suas zangas e alegrava-me com as suas reconciliações. Mas elas nunca pensavam em mim.

Uma pessoa real da minha idade era algo bastante incomum.

Depois da minha aula de dança, ao fim da manhã de um sábado de outubro, fui à loja de doces do Sr. Dillon, que fica no rés do chão do Salão de Dança Sereia, na Union Street. Como sempre, parei um bocadinho a coçar as orelhas do *Patinhas*, o gato da loja. Como sempre, a Charlotte estava comigo. Quando é que a Mamã vai perceber que alguém que já fez doze anos consegue passar uma hora de vida sem dama de companhia?

Eu e a Charlotte ficámos por ali durante algum tempo, enquanto as outras meninas da minha aula de dança pagavam as suas pastilhas de violeta e rebuçados de menta, e iam para casa almoçar, com as suas próprias damas de companhia, com quem preferiam não estar. Eu preferi fazer a minha escolha sossegada, sem ter de falar em frente de outras pessoas. Falar em frente de outros causa-me uma vertigem de pânico. A Mamã diz que a timidez é temporária e que um dia eu vou falar com adultos desconhecidos com a mesma facilidade com que falo com o meu cão *Tony*. Mas, de cada vez que as palavras me ficam presas na garganta, esse *um dia* parece mais distante.

Como era a Charlotte que levava os dois cêntimos que a Mamã me autorizava a gastar em doces, ela tinha de esperar pacientemente pela minha decisão — como devia

ser, já que a sua função é essa e, às vezes, também tomar conta de mim, manter-me em segurança e explicar-me as coisas que têm de ser explicadas.

A minha irmã, a Marjorie, tinha ido para escolas a sério, mas, quando chegou a minha vez, sete anos depois, a Mamã já tinha adotado certas ideias sobre a educação das crianças, diferentes das dos outros pais. As crianças deviam ser livres, achava ela, embora sempre perto de casa e sob o olhar atento de uma dama de companhia. Corpos e mentes livres resultariam em maior sabedoria e bem-estar. Isso significava nada de escola, nada de tutoras e nada de amigos.

Aprendi História e Literatura com a Mamã e com os livros da biblioteca do Papá. Para Ciências da Natureza, explorei o jardim. Ir à Igreja de Todos os Santos todos os domingos servia para ouvir as histórias da Bíblia e participar nos estudos religiosos. Praticava dança com a Srta. Marianne no Salão de Dança Sereia, e tocava piano e bandolim com outras professoras. O Papá tinha-me ensinado Matemática, mas os meus conhecimentos nessa área tinham piorado desde novembro passado, quando ele faleceu. Eu não sentia falta da Aritmética, mas sentia falta do Papá a cada respiração. A família Morton, como toda a Inglaterra, tinha chorado a morte da Rainha Vitória quase dois anos antes, mas desde então aprendêramos a verdade na nossa própria casa. O luto era uma história com incontáveis fins tristes.

Nenhum dos meus estudos nem nenhum dos livros que eu tinha lido me tinham ainda explicado como é que o acontecimento mais insignificante podia causar um impacto tremendo no Universo. Se eu tivesse escolhido moedas de chocolate naquele sábado, como costumava fazer, em vez de rebuçados de morango (cujo frasco estava numa prateleira mais alta, onde só se chegava com a ajuda de um banquinho)... E se o *Patinhas* tivesse escolhido um momento diferente para se agarrar aos atacadores das botas do seu dono (que balançavam tão tentadoramente de cima do banquinho)... E se os sininhos da porta da loja não tocassem de forma estridente quando os clientes entravam (fazendo o Sr. Dillon virar-se, surpreso)... o Hector Perot não teria entrado na loja e encontrado um caos de vidros partidos e doces espalhados, e não teríamos tido motivo para conversar.

Naquele momento, não percebi que ali se desenrolava uma sequência de acontecimentos. Ninguém percebeu. Depois, tornou-se claro como os momentos se somaram, cada um levando naturalmente ao seguinte e alterando silenciosamente o curso das coisas. Naquele instante, porém, na Dillon Doces & Diversos, pouco depois do meio-dia, o pobre *Patinhas* guinchou como uma galinha e desapareceu atrás do barril de açúcar mascavado. O Sr. Dillon tinha caído de rabo no chão, mas fez-nos sinal para nos afastarmos enquanto tentava, sem sucesso, levantar-se sozinho. Eu e a Charlotte aproximámo-nos

disfarçadamente, usando as pontas das botas para ir juntando num monte os cacos de vidro e os rebuçados de morango.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou o Hector Perot.

Tinha um sotaque que se refletia em cada palavra com precisão. A pele era quase tão branca como leite. O cabelo preto estava penteado para trás e a cabeça parecia um pouco grande para o seu corpo magro. Estava impecavelmente vestido com um fato de marinheiro azul-marinho com uma gola de um branco imaculado.

Não era tão bonito quanto o Leonard, o rapaz que trabalha no nosso jardim e que parece um protagonista das matinés do Royal Arms Theatre. Mas os olhos deste rapaz eram muito verdes e muito brilhantes, lembrando um refresco de lima-limão.

Olhos cor de lima-limão? Agatha Caroline Morton, não consegues melhor do que isso? *Esmeraldas cintilantes?* *Uma folha recém-nascida de primavera?* *A pena da cauda de um pavão?*

— Dás-me uma ajuda, rapaz? — O Sr. Dillon continuava sentado no chão, no meio dos cacos de vidro.

O rapaz apressou-se até ele. Eu aproximei-me mais devagar, preocupada que o Sr. Dillon não gostasse de ser visto naqueles preparos. Eu ficaria mortificada, se fosse eu que me sentisse como um besouro gordo, incapaz de me levantar. Embora eu tivesse seis patas e talvez um melhor equilíbrio se fosse um besouro.

— Vou chamar um cavalleiro que nos ajude — informou a Charlotte, fazendo tocar os sininhos da porta quando saiu a correr para a rua.

Mas o rapaz já estava a pegar no pulso e no cotovelo esquerdos do Sr. Dillon, tentando levantá-lo. Agarrei rapidamente no braço direito, apoiando o meu pé contra o do Sr. Dillon.

— Um. Dois. Três! — exclamei. — Puxa!

— *Un. Deux. Trois!* — disse o rapaz. — *Tirez!*

E lá veio o Sr. Dillon, todo vermelho, com os bigodes a tremer, o avental da loja torcido e os rebuçados a estalarem debaixo das suas botas.

— Bom, está bem, muito obrigado. — O Sr. Dillon arranjou o avental e tirou um lenço do bolso. Limpou a testa com uns toques do lenço e tirou os óculos para enxugar os olhos húmidos.

A Charlotte voltou a entrar, a correr, acompanhada de um jovem alto de uniforme.

— Oh! — exclamou. — Chegámos demasiado tarde. — Corada e ofegante, apressou-se a pedir desculpas ao seu voluntário. — O Senhor Dillon estava no chão quando saí para pedir ajuda, e eu... Foi o banquinho, sabe? E o gato. Receio tê-lo incomodado por nada, senhor agente.

— Nunca é nada, senhorita. — Excluindo um leve rubor no rosto, o agente estava tranquilo e foi muito gentil com o Sr. Dillon. Certificou-se de que ele não tinha

nenhum osso partido e deu-nos os seus sinceros parabéns por termos conseguido resgatar o velhote do chão.

— Sou — parecia falar para um pote de açúcar amarelo no balcão — o Agente Morris Beck. Caso precisem dos meus serviços no futuro.

A Charlotte corou e fez uma leve vénia.

— Obrigada, senhor agente. Sou a Senhorita Charlotte Graves, e esta é a minha protegida, a Menina Agatha Morton.

Cumprimentei-o com a cabeça.

O Agente Beck deu um toque no capacete.

— Muito prazer. — O seu rosto e o da Charlotte estavam agora da cor de um pudim de framboesa. *Ou salmão fumado. Ou peónias Crousse. Ou penas de flamingo.*

Olhei de soslaio para o rapaz desconhecido. Ele tinha levantado uma sobrançelha negra finamente desenhada. Estávamos de acordo! Eu nunca tinha presenciado um interlúdio de Amor à Primeira Vista, mas, com aquela sobrançelha, o rapaz parecia concordar que era exatamente isso que estávamos a testemunhar.

— Permita-me também apresentar-me — afirmou ele.

— Sou o Hector Perot. — Inclinou-se rigidamente para a frente, fazendo uma pequena vénia. Contive-me para não me rir. Era mesmo estrangeiro! Mas, ainda assim, agradável.

— Aggie Morton — respondi, e inclinei-me.

O agente murmurou algo sobre voltar à sua ronda e cambaleou de costas até à porta, fazendo tocar os sininhos mais uma vez. A Charlotte fingiu não o ver partir.

— Bom — disse o Sr. Dillon —, acho que os meus salvadores merecem uma recompensa. — Entregou a cada um de nós um cone de papel vazio. — Vá lá, encham-nos — convidou-nos. — Escolham o que quiserem.

Os rebuçados de morango, esmagados em pedacinhos e atirados ao lixo, já não me interessavam. Escolhi caramelos, moedas de chocolate e um pequeno pedaço de torrão.

O Hector encheu o seu cone até acima com bombons de alcaçuz preto.

— Posso pedir-lhe uma caixinha em vez do cone, *monsieur*? — perguntou.

O Sr. Dillon entregou-lhe uma caixa e o Hector arrumou cuidadosamente os seus doces em filas.

— Acabou de conquistar um novo cliente fiel — assegurou ele ao Sr. Dillon. — Voltarei aqui, prometo.

Custava-me deixar ao acaso outro encontro com este rapaz.

— Venho sempre aqui aos sábados — referi, com uma assertividade incomum. Não olhei para a Charlotte. — A esta mesma hora.

— Então, voltamos a encontrar-nos noutra sábado.

— Voltaremos a encontrar-nos — repeti. — E talvez possamos pensar noutra forma de atrair a polícia. O que achas, Charlotte? Sem que ninguém tenha de cair?



CAPÍTULO 2

UMA AVALANCHE DE PREPARATIVOS

Eu podia ter passado a semana a desejar que o sábado chegasse, na esperança de reencontrar o Hector Perot, mas primeiro tinha de me preocupar com a sexta-feira.

A Srta. Marianne ia organizar um concerto no Salão de Dança Sereia. O nome do evento, e a sua intenção, era *Acolher os Estrangeiros*. Eu tinha escrito um tributo poético e devia lê-lo em voz alta. Durante toda a semana, desejei que a noite de sexta-feira nunca chegasse, ou que já tivesse acabado. E, no entanto, ali estava eu, a uma hora de distância, a rodar sem parar no banquinho do piano.

A Srta. Marianne tinha-nos dado instruções firmes sobre como organizarmos o estúdio. Eu já tinha arrumado seis grandes caixas ao longo de uma das paredes, com a Charlotte sempre atrás de mim, caso eu batesse com um dedo do pé ou acontecesse alguma outra calamidade. Os convidados da nossa plateia dessa noite deviam encher essas caixas com roupas usadas e outros contributos úteis, que seriam posteriormente separados e distribuídos pelos refugiados e imigrantes necessitados que tinham chegado recentemente a Torquay.

Parecia haver muitos motivos para estas pessoas terem viajado para longe de casa, algumas com apenas um pequeno saco de pertences. Várias famílias tinham fugido da perseguição religiosa ou da fome na Rússia, causadas pela cruel negligência do seu czar. Um número considerável de belgas tinha vindo para evitar a crescente turbulência do reinado do infame Rei Leopoldo, e alguns marinheiros lascars dispensados aguardavam vagas em navios para regressarem à Índia.

Eu ainda não tinha visto nenhum refugiado, mas a cidade fervilhava de conversas, se soubéssemos estar nos lugares certos para as ouvir. As lojas eram ideais para ouvir essas conversas, e também o átrio da igreja, e obviamente a nossa própria cozinha em Groveland, onde a cozinheira e a Sally partilhavam inúmeras informações dos comerciantes e dos empregados de outras casas. Era comum o comentário de que os visitantes de outras paragens

negligenciavam com frequência os seus hábitos de higiene e que usavam roupas incompatíveis com o nosso sentido de moda inglês. Alguns gostavam de comida picante e consideravam o pudim de pão e o bacalhau intragáveis. Como eu própria não era fã de bacalhau, talvez tivéssemos um ponto de partida comum.

— Menina Aggie? — chamou-me a Charlotte com um gesto para que eu fosse ajudar a arrumar as cadeiras para o público. Assim que as cadeiras ficaram prontas, a Srta. Marianne deu-nos uns tecidos festivos para cobrirmos o piano e o banquinho. Pusemos uma toalha mais simples sobre a mesa onde seriam servidos os comes e bebes vindos do Royal Victoria Hotel. O hotel tinha doado generosamente toda a comida e bebida, graças ao pai da Florence Fusswell ser o seu diretor-geral. Essa era apenas uma das razões pelas quais a Florence Fusswell se considerava a rainha da noite. Outra era o seu abundante cabelo loiro, a sua pele rosada e aquilo a que ela própria chamava os seus *lábios botão de rosa*. Andava muito ocupada a endireitar as cadeiras que eu e a Charlotte já tínhamos organizado em filas perfeitamente alinhadas. A Lavinia Paine, a melhor amiga e fiel seguidora da Florence Fusswell, estava ao lado do espelho, a contar, enquanto tocava nos pés com a ponta dos dedos quinze vezes. As suas tranças escuras balançavam como dois finos rabos de vaca a espantar moscas.

Voltei para o banquinho do piano e comecei a rodar outra vez.

Uma grande fatia da minha confiança esvaiu-se na presença de miúdas tão seguras de si. Eu era perfeitamente capaz de expressar a minha própria opinião em casa com a minha família ou com qualquer um dos empregados. Ou com intrigantes rapazes estrangeiros em lojas de doces. Mas estas miúdas tagarelas da minha idade faziam-me secar as palavras. Não era o mesmo que ser tímida com adultos. Eu simplesmente não tinha jeito para conversas patetas. O que eu queria era saber o que as pessoas optavam por *não* dizer em voz alta, que segredos obscuros se ocultavam e o que ia acontecer a seguir. Às vezes, eu tinha um certo prazer em imaginar que desgraças poderiam cair sobre a Lavinia Paine ou a Florence Fusswell.

Parei de rodar.

E se a cadeira em que a Florence estava a pegar naquele momento caísse e lhe esmagasse um dedo do pé? Haveria um jorro de sangue? Ou seria melhor que ela sofresse uma fratura limpa? As possibilidades da história floresceram diante dos meus olhos...

Sim, para começar uma boa história de terror, eu usaria um osso partido.

A jovem ferida gritava, sentindo o pé inchar e latejar. Foi levada numa carroça velha e instável para o Hospital de Torquay, onde o cirurgião declarou que o dedo do pé — não, o pé inteiro — tinha de ser amputado! Perturbada pela sua angústia, Florence implorou por misericórdia. Quando o cirurgião ergueu a faca, uma enfermeira ajudou a jovem trémula a fugir. (A amputação desnecessária de uma

extremidade parecia um pouco cruel, mesmo numa ficção criada por vingança.) *Mas a enfermeira, que se chamava Ethelwein Smirke, escondia uma intenção sombria. Depois de obrigar Florence a descer coxeando, e ferida, dois lanços de escada em ruínas, a Enfermeira Smirke aprisionou a jovem chorosa numa cave habitada por um grande número de aranhas cinzentas e peludas, mais de trinta, que tinham crescido desmesuradamente, devido ao consumo da substância fétida e oleosa que pingava do cano enferrujado que percorria o teto...*

Uma gargalhada estridente interrompeu o meu agradável devaneio. A Florence e a Lavinia atropelavam-se uma à outra para ajudar um jovem rapaz que estava a chegar. Ele entrou com um enorme arranjo de flores, e depois outro, e colocou os vasos ornamentados de cada lado do piano. Tirou o boné, revelando uma cabeleira castanho-avelã e olhos escuros. Raparigas como a Florence e a Lavinia normalmente não se dignariam a olhar para um fornecedor, mas este era o Leonard — especialmente bonito e com quase dezoito anos. Como ele trabalhava para a minha mãe, o prestígio de o conhecer era bem mais meu do que delas, não era? Ele dormia no barracão do jardim em Groveland, em troca de ajudar no jardim e na estufa. Eu via-o todos os dias, portanto, que me importava que a Florence e a Lavinia tentassem arrastar os vasos pesados para uma posição mais adequada?

A Srta. Marianne apareceu logo a repreendê-las.

— Por favor, deixem que este jovem desempenhe a sua tarefa. Estão ali cinquenta e cinco programas, minhas

queridas. Espero poder confiar em vocês para os dobrarem com precisão.

— Olá, Leonard — disse eu.

— Menina Agatha!

— Os teus arranjos são maravilhosos.

— Sim, Menina. Vieram da sua própria estufa. Lindos como tudo.

Os jardins de Groveland, abandonados desde a morte do Papá, tinham recuperado bastante durante o último verão, entregues aos cuidados do Leonard. Tinha sido ele a preparar os ramos para o casamento da minha irmã Marjorie no mês anterior, apenas umas semanas depois de ele ter chegado a Torquay e de se ter instalado no barracão atrás da horta da cozinha.

— Tudo por uma boa causa, não é, Menina? A Menina tem um coração brando para criaturas necessitadas, não é? Animais e humanos.

— Todas nós temos! — A Florence tinha-se aproximado novamente. — É por isso que estamos aqui, não é, Lavinia? Temos corações muito brandos.

A Lavinia segurava um maço de programas e assentiu com fervor.

— Ninguém é mais brando que nós — acrescentou ela.

Brandas da cabeça, pensei. Conseguiam mesmo irritar-me, aquelas duas! O Leonard sorriu como se me tivesse lido os pensamentos.

— Vamos dançar hoje à noite — anunciou a Florence.
A Lavinia enfiou-lhe um programa na mão e apontou:

UM GESTO GRACIOSO

Música de FRÉDÉRIC CHOPIN

Interpretação de MARIANNE EVERS HAM

Movimento de FLORENCE FUSSWELL

e LAVINIA PAINE

A Florence sussurrou:

— Ele, se calhar, não sabe ler.

A Lavinia ignorou-a.

— O meu nome só está em segundo lugar, porque a lista está por ordem alfabética — indicou.

Mas o dedo do Leonard já tinha descido pela página.

— E a Menina Agatha? Não vai recitar um poema?

Um arrepio picou-me o pescoço. Eu tinha chegado até àquela hora do dia conseguindo evitar pensar no que estava para vir. Uma récita que me aguardava como um monstro de grandes mandíbulas, pronto a devorar-me. Consegui acenar levemente com a cabeça e olhei fixamente para as botas desgastadas do Leonard. Um dos atacadores já se tinha partido e sido remendado em pelo menos três sítios.

— Foi *ela* que escreveu o poema — disse a Florence.
— Não é de um poeta a sério, nem do Tennyson nem nada.

— Então, isso torna-o melhor, não é verdade? — perguntou o Leonard. — Escrito especialmente para estes novos forasteiros que chegam à cidade.

O coração quase me explodiu de gratidão. Olhei para cima para lhe fazer um sorriso de agradecimento, mas ele já estava a virar-se para a Srta. Marianne.

— Voltará amanhã de manhã, Senhor Cable? — perguntou a Srta. Marianne. — Para vir recolher estes arranjos?

O Leonard abanou a cabeça.

— A senhora tem a certeza de que não quer ficar com eles? Até que as flores deixem de estar tão frescas?

A Srta. Marianne sorriu-lhe.

— É um rapaz muito gentil por se oferecer para os deixar cá, mas não. Devolva-os à Senhora Morton. Aqui dentro, temos de dançar!

O Leonard voltou a pôr o boné na cabeça e tocou na lapela em sinal de despedida. Quando chegou à porta, ela abriu-se de repente e a entrada ficou congestionada com um grande grupo de pessoas.

A Rose Eversham era a primeira, com a mãe um passo atrás dela. As Evershams viviam ao lado da nossa casa, numa moradia chamada EverMore. Era um nome bonito para uma casa. A Srta. Marianne também vivia lá, por ser tia da Rose e não ter família própria.

A seguir às senhoras, entrou o irmão da Florence, o Sr. Roddy Fusswell, do Royal Victoria Hotel, trazendo

uma enorme travessa de biscoitos e pequenas tartes de geleia. Vinha com uma cartola cinzenta e calçava luvas de cabedal amarelo. Vestia uma casaca comprida e uma gravata borboleta, como se o nosso recital fosse acontecer no Royal Albert Hall, em Londres, e não num salão por cima de uma loja, na Union Street. Cada um dos seus dois assistentes trazia um prato de saborosas sandes.

Iniciou-se um murmúrio agitado, já que todas nós vibrávamos de animação por estarmos perto da Rose Eversham, o tema principal dos mexericos que circulavam pela vila na última semana. Os boatos diziam que ela tinha sido vista na companhia de mais do que um rapaz no ringue de patinagem do cais, rindo e deslizando sem se importar com quem estivesse a olhar. Outros comentários diziam que a mãe a tinha repreendido severamente na rua principal, e a Rose *virou-se e foi-se embora*, sem mais, com a maior falta de educação possível!

(Um dos rapazes era o Roddy Fusswell, o outro era o Charlie Trotter, o filho do dono do talho. A Rose também foi vista a beijar um marinheiro, mas isso foi a Lavinia que contou, por isso podemos desconsiderar essa história com segurança.)

E ali estava ela, a entrar pela porta como uma rainha à proa de um navio. O Leonard baixou a cabeça como se tivesse sido atingido por um raio de sol ofuscante. Deslizou para o lado, deixando passar o cortejo.

A Rose acenou à Srta. Marianne.

— Querida Tia Marianne! Vês? Nem um minuto depois das cinco. Prometi não me atrasar e cumpro a minha palavra à risca. E: com a Mãe!

Será que a vi revirar levemente os olhos? E será que houve um correspondente pestanejar nos olhos da Srta. Marianne? Parecia haver ali uma conspiração entre tia e sobrinha. Toda a gente — absolutamente toda a gente — sabia que a mãe da Rose era uma pessoa difícil. A nossa empregada, a Sally, chamava à Sra. Eversham *velha chata insuportável*. Embora fôssemos vizinhas, raramente tinha tido a oportunidade de a observar tão de perto como ali.

A Sra. Irma Eversham tinha cara de cão rabugento. Estacou à entrada da porta, a olhar em volta, como se tivesse sentido o cheiro de algo podre. O Roddy Fusswell, com a sua travessa de doces, vinha só meio passo atrás dela. De repente, foi contra ela com um baque. Por um momento terrível, os doces ameaçaram cair-lhe sobre a cabeça (já que ele era alto e ela baixa), mas o Sr. Fusswell conseguiu desviar-se com agilidade, mantendo a travessa no ar. Uma única tarte de geleia deslizou pela borda e pousou na copa do chapéu da Irma Eversham. A Rose e a Srta. Marianne avançaram para dar uma ajuda. O Roddy Fusswell tentou pegar na tarte por cima, atingindo o ombro do Leonard com o cotovelo. A Sra. Eversham enervou-se, virando a cabeça tão repentinamente, que a tarte voou e foi apanhada com ligeireza pela Srta. Marianne.

— Afastem-se de mim! — A Sra. Eversham recusou toda a ajuda. A Srta. Marianne recuou, encostando o Leonard à moldura da porta. O Roddy Fusswell ficou ali a pairar demasiado perto, mas não conseguia mexer-se no meio daquela confusão de gente. A indignação da Sra. Eversham fez estremecer a sala.

— E além disso — continuou ela —, afastem-se da minha filha.

— Mãe! — A Rose passou a mala de viagem de uma mão para a outra, fazendo questão de mostrar como estava pesada. — Vamos pensar nos necessitados — disse, depressa e alto. — Revirei o meu guarda-roupa e fiz uma boa limpeza. Agora, em breve, terei de encomendar roupa nova, a menos que me queiras ver com as minhas peças íntimas!

— Rose! — repreendeu-a a Sra. Eversham. — Que conversa inapropriada!

— A senhora não quer sentar-se, Senhora Eversham? — A voz calma e a mão firme da Charlotte atravessaram a confusão. — Reservámos um lugar para si aqui na primeira fila.

— Sim, mãe, por favor, senta-te — pediu a Rose. — Vou buscar-te uma chávena de chá. E um biscoito? Tu adoras um biscoito docinho.

— Não vou sentar-me — respondeu a Sra. Eversham. — E não vou ficar. Eu não queria vir cá e as pessoas presentes confirmam-no. Não *insistas*, Rose! Eu posso muito bem ir sozinha para casa.

A Rose não fez mais esforço nenhum para a convencer a mudar de ideias. A Lavinia abafou um risinho. O Leonard tinha tentado aproximar-se discretamente da saída, mas parou de repente quando a Sra. Eversham se virou para sair. Eu deslizei para trás da Charlotte, enquanto o Roddy Fusswell pousava a sua travessa e se oferecia para acompanhar a Sra. Eversham até à rua. Ela recusou com um gesto brusco da mão, como se ele fosse uma vespa. Ele pôs-lhe a mão no cotovelo e ela afastou-o outra vez com uma palmada. Desta vez, ele recuou, pisando o dedo do pé do pobre Leonard.

A Sra. Eversham continuou a falar alto, enquanto descia as escadas.

— Garanto-vos que qualquer rapaz que se aproximar da minha filha será preso sob a acusação de tentativa de agressão. Estão todos a ouvir-me?

Eu não era a única pessoa que esperava ouvir a porta bater lá em baixo para respirar de alívio. Sentia um formigueiro nas mãos com a vontade que tinha de aplaudir. Tinham sido dez minutos de grande teatro, melhor do que uma peça de Natal!

Um ruído rouco saído da garganta do Roddy Fusswell fez a sala voltar à vida. O Leonard saiu finalmente, embora eu o imaginasse a abrir a porta da rua com grande cautela, caso a Sra. Eversham ainda não se tivesse afastado. A Rose levantou a tampa da sua mala e despejou o conteúdo numa das caixas.

— Como é que aguentas, Rose? — perguntou-lhe o Roddy. — Ela é insuportável. Não devia ser tolerada nem mais um dia!

— A vida seria certamente mais tranquila — replicou a Srta. Marianne — se ela não vivesse em Torquay.

— Infelizmente, é verdade — acrescentou a Rose. — Pelo menos uma vez por dia, dou por mim a desejar que ela morresse.

COLEÇÃO MISTÉRIO JUVENIL

Inspirada na vida real da jovem Agatha Christie, a série «Aggie Morton – A Rainha do Mistério» acompanha as aventuras bem-humoradas de dois amigos, Aggie Morton e Hector Perot, que adoram deparar com mistérios cheios de suspense e reviravoltas, pistas muito bem escondidas e falsos acusados!



Após a morte repentina do pai, Aggie Morton e a mãe mudam-se para Torquay, onde a Aggie considera tudo estranho e aborrecido — até ao dia em que um cadáver é descoberto na sua escola de dança. Convencida de que a pessoa acusada do crime pode ser inocente, a Aggie junta-se ao seu novo amigo, Hector Perot, um jovem refugiado belga com um talento invulgar para descobrir detalhes, com o objetivo de resolver este caso intrigante. Entre mensagens escondidas, comportamentos suspeitos e pistas que parecem não encaixar, os dois amigos mergulham numa investigação cada vez mais perigosa, determinados a descobrir o que realmente aconteceu antes que o verdadeiro culpado volte a atacar!

Conseguirão a Aggie e o Hector descobrir a verdade, neste jogo de segredos e suspeitas?

**Livros imperdíveis para jovens leitores
que adoram suspense.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

www.penguinlivros.pt

  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN: 978-989-596-218-1



9 789895 962181